

Literatura afro-brasileira e indígena

Literatura afro-brasileira e indígena não é um apêndice do cânone: é uma produção com projeto próprio, que recusa ser objeto de descrição e passa a ser sujeito da narração.

A diferença que define

Durante quase toda a história da literatura brasileira, o negro e o indígena foram **descritos** — por Alencar, por Castro Alves, por Aluísio Azevedo. Descritos com simpatia, às vezes; descritos, sempre.

A literatura afro-brasileira e indígena inverte a posição: quem escreve é quem vive. Muda o que se vê e muda quem tem autoridade para dizer.

Os nomes centrais

AUTOR	OBRA	O QUE TRAZ
Carolina Maria de Jesus	Quarto de Despejo (1960)	diário de uma catadora na favela do Canindé
Conceição Evaristo	Becos da Memória, Ponciá Vicêncio	escrivência, memória, mulher negra
Cruz e Sousa	Broquéis	o simbolista negro excluído do meio literário

AUTOR	OBRA	O QUE TRAZ
Lima Barreto	Clara dos Anjos	racismo e subúrbio no início do século XX
Daniel Munduruku	diversas	literatura indígena para jovens; cosmologia
Ailton Krenak	Ideias para Adiar o Fim do Mundo	crítica à separação entre humano e natureza
Eliane Potiguara	Metade Cara, Metade Máscara	poesia e prosa indígena, mulher e território

Carolina Maria de Jesus

Catadora de papel, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, escreveu um diário em cadernos achados no lixo. Publicado em 1960 como **Quarto de Despejo**, virou best-seller e foi traduzido para dezenas de idiomas.

É a fome escrita por quem a sentia — e a diferença em relação a qualquer descrição de fome feita de fora é imediatamente perceptível.

CAROLINA MARIA DE JESUS, “QUARTO DE DESPEJO”

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.

Duas frases curtas. A primeira é uma proposta política; a segunda transforma a experiência em autoridade. É o oposto exato da posição de objeto que a literatura anterior reservava a ela.

A Lei 10.639/2003

Tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. A Lei 11.645/2008 estendeu a obrigação à história e cultura indígena.

São repertório jurídico útil: mostram que a exclusão foi reconhecida oficialmente e que existe política pública sobre ela.

COMO O ENEM COBRA

Área em crescimento na prova, acompanhando os temas de redação de 2022 (povos tradicionais) e 2024 (herança africana).

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são as autoras mais estratégicas: caem em Linguagens e são repertório de primeira em redação.

ONDE SE PERDE PONTO

Tratar essa produção como tema, e não como literatura

Ela tem projeto estético próprio — escrevivência, oralidade, memória coletiva. Reduzi-la a conteúdo social perde metade.

LEVE ISTO PARA A PROVA

- A mudança central: de objeto descrito a sujeito que narra.
- Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são as mais estratégicas.
- Leis 10.639/2003 e 11.645/2008: repertório jurídico que acompanha o tema.